

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50 — Lisboa.

16 DE MARÇO DE 1909

N.º 244

Centenario da Guerra Peninsular

O Quadro das Almas, na Cidade do Porto



*Das Almas que falecerão na ponte do Rio Douro na entrada dos Franceses
no Anno de 1809, hum Padre Nosso chaú Ave Maria.*

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



S. Francisco Xavier

Cópia fiel da imagem que se venera no altar privilegiado do seu túmulo, na igreja do Bom Jesus, na velha cidade de Goa

O mausoleu do glorioso Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, na Igreja de Bom Jesus

O rico e sumptuoso mausoleu onde repousa o maior conquistador do Oriente, S. Francisco Xavier, que todos os povos da India visitam amiudadamente e veneram com a mais acrisolada devoção, é de finissimos marmores de Italia de diferentes côres, e foi offerta de um grão-duque de Toscana, como refere o padre Francisco de Sousa no seu *Oriente Conquistado*.

O caixão que encerra o corpo mumificado do glorioso Apostolo é todo de prata rendilhada, cravejado de pedras preciosas, e pesa 600 marcos. A imagem do santo, que se vê sobre o altar da capella, é tambem de prata fundida, pesa 200 marcos e foi offerta de uma dama genoveza. Sobre o pedestal lê se a seguinte inscripção:

SANTISSIMO INDIARUM APOSTOLO
FRANCISCA DE SOPHANS PATRIA GENUENSIS
URBANI DURATHI OLIM UXOR
NUNC MARIA FRANCISCA XAVIERA
IN CELEBERRIMO INCARNATIONIS MONASTERIO
CHRISTI SPONSA
PEREGRINO CELESTE
PEREGRINI AMORIS VOTUM ET MONUMENTUM
P. P. ANNO ANI 1670

A imagem conserva ainda o bastão que o conde de Alvôr lhe collocou em uma das mãos em 1683.

Nas quatro faces do caixão existem trinta e dois quadros de prata, que illustram a vida e representam em relevo os passos e milagres do astro brilhante que diffundi por todo o Oriente os raios fecundos do Evangelho, e na parte superior ha dezesseis anjos de prata, e n'outras posições seis pinhas grandes e outras pequenas, tambem de prata brincada com flores douradas guarnecidas de pedras preciosas. A peanha da cruz que remata o caixão apresenta nos lados oriental e occidental dois anjos com emblemas na mão. O anjo do lado oriental tem na mão um coração em labredas, e o do lado occidental o distico:— *Satis est, Domine, satis est* — palavras

que S. Francisco Xavier costumava repetir, quando sentia aquelles extasis de amor divino, que o tornavam um verdadeiro inspirado e um verdadeiro santo.

Em cada face do túmulo existe um altar, formando a base do sarcophago, de bellissimo marmore de côr encarnada raiado de branco, com os resaltes de marmore branco e raios alaranjados. Os ornatos em alto relevo, assim como os cherubins dos angulos, são de jaspe e alabastro preciosissimo. No centro do frontal de cada um dos altares ha diferentes emblemas em alto relevo.

Sobre os altares corre um parallelepipedo de excellente marmore verde, salpicado de pintas brancas, pretas e cinzentas, com resaltes e frisos de marmore amarellado com veios brancos e côr de sépia. No centro de cada uma das quatro faces estão grandes laminas de bronze escuro, de elevado merito artistico, representando em alto relevo, e em figuras quasi destacadas do fundo as mais notaveis passagens da vida do Santo. Representa uma o glorioso Apostolo doutrinando os povos da India, com a seguinte legenda — *Nox inimica fugat* — rematando um medalhão de bronze com o sol nascente sustentado por dois anjos de grandes dimensões e de alvissimo alabastro. Representa outra S. Francisco Xavier baptisando. O Apostolo está descalço, com roupeta, sobrepeliz e estola, tendo na mão esquerda a imagem do Crucificado, e baptisando com a direita uma multidão de indigenas nas Molucas. Sobre esta lamina está um outro medalhão de bronze, com o sol no zenith, e a seguinte legenda — *Ut vitam habeam*.

Representa outra o defensor do Oriente, procurando atravessar um rio sobre um madeiro, para fugir á perseguição dos jávaros da ilha de Môros. Sobre esta lamina está um outro medalhão com um leão no meio de uma medonha tempestade com a seguinte legenda: *Nihil horum vereor*. Finalmente representa a quarta lamina o santo na hora do seu passamento, na praia de Sanchão, abraçado estreitamente a um crucifixo. Está o apostolo recostado sobre uma esteira na choupana do portuguez Jorge Alvares, entre os seus discipulos Antonio e Christovam, e assistido de anjos. Alli morre, exclamando: *In te, Domine, speravi*. O medalhão sobreposto ao quadro representa o sol no occaso, com a seguinte inscripção: *Major in occasu*.

As almas da ponte

Com esta designação vem a piedade memorando no Porto a enorme catastrophe alli succedida ha um seculo por occasião da segunda invasão franceza. Quem n'essa cidade fala em Almas da Ponte recorda o modo como a religiosidade perpetuou e vem suffragando o grande numero de victimas que se afundaram no rio Douro a 29 de março de 1809.

Um quadro, que está pouco mais ou menos reproduzido na nossa gravura, e que ha um seculo foi collocado no muro da Ribeira, em direcção ao sitio onde outr'ora se fazia a comunicação entre o Porto e Villa Nova de Gaya por meio da archaica ponte das barcas, ficou revelando a grandeza do desastre alli succedido e provocando as mais sinceras manifestações do culto.

A irmandade das Almas, erecta na rua do Calvario, é a instituição que tem vindo a tratar de recolher as esmolas dos fieis e a promover o culto pelas victimas da invasão, que pereceram afundadas no rio Douro, e este anno é essa irmandade que vae fazer uma commemoração centenal que revestirá uma qualificada importancia.

O acontecimento presta-se a uma celebração importante, pois a tradição sempre viva que os portuenses conservam do que se passou em tão criticas circumstancias, quando a cidade foi invadida e posta a saque, é um assumpto digno de memorar-se.

Soult, o duque da Dalmacia, invadiu o paiz entrando por Traz-os-Montes. A praça de Chaves, mal preparada para a resistencia, logo cedeu; d'ahi veio o exercito francez inutilizando os esforços da divisão do general Silveira e de Bernardim Freire, até entrar em Braga, d'onde avançou sobre o Porto.

Presidia á organização da defeza da cidade o bispo D. Antonio de S. José e Castro, havia trez commandos organizados pelos brigadeiros Victoria, Lima Barreto e Parreiras; mas a precipitação com que foram feitas as fortificações e o amotinado da plebe que prejudicava a disciplina militar, inutilisaram todos os esforços, e Soult entrou a 29 de março, pondo a cidade a saque.

O bispo, reconhecendo as difficuldades, retirou com os ultimos soldados fieis para a margem esquerda do rio e foi organisar o ultimo reducto no alto da Serra do Pilar, tendo por imprevidencia deixado cortada a ponte das barcas e desligadas as pranchas que ao centro uniam umas a outras d'essas mesmas barcas em que se firmavam.

A população portuense, alarmada e em fuga, buscou passagem pela ponte com tal desatino que se precipitou na corrente, dando este enorme desastre um incalculavel numero de victimas e uma das paginas mais ltuosas para a chronica do Porto.

Depois d'essa violenta calamidade estabeleceram-se uma sagração piedosa para memorar com as préces da religião os finados que n'esse dia ficaram sepultos nos abysmos do rio Douro e a arte reproduziu, em um painel exposto ha um seculo, uma synthese da enorme desgraça que ainda hoje arranca lagrimas e avulta a saudade no coração dos portuenses.

TABORDA

— Morreu o Taborda...
— Pode lá ser!

A noticia correu toda a cidade sempre seguida d'este brado "pode lá ser!", e com um meio sorriso de incredulidade.

Effectivamente, podia lá ter-se sumido na morte o homem que a rir tinha feito chorar umas poucas de gerações!

E os olhos da nossa memoria fixavam-se n'aquella cara movel, n'aquelle corpo quebrado, n'aquella celebre bengala a que tantas



O actor Taborda

† a 5 de março de 1909

vezes se encostou o adoravel velhinho que nos cantava por esses palcos todos, na sua voz tremula:

"E o velhote inda cá está..."

Podia lá ter morrido o bom Ventura que tantas vezes nos enterrecera! Quando o boato se confirmou foi um pasmo sem dór, um desgosto dentro de um sorriso. E' que com a morte de Taborda viham em tropel noites ruidosas de festa, creações graciosas, gargalhadas, typos comicos de uma naturalidade empolgante, toda essa galeria de facecias com arte, de realismo, de verdades, de attitudes, de gestos, de que só elle tinha o segredo. E a funda pena pelo desapparecimento do artista glorioso attenuava-se logo, diluía-se pouco a pouco no relembrar de phrases que ficaram, de interpretações, de peripecias, de scenas em que a sua seriedade imperturbavel fazia desabar ovações.

Ninguem chorou e todos o adoravam. Mas n'esses sorrisos sem constrangimento que o acompanharam ao cemiterio sentia-se palpitar a grande emoção sincera da alma popular.

Lagrimas seriam descabidas n'aquella casa modesta onde elle proprio não quiz uma camara ardente. Muito sol e muitas flores. Nada de tristezas convencionaes de pannos pretos e de caras compungidas. Muita luz alegre para quem passara a vida a distribuir alegria ás mãos ambas, prodigamente. Foi a sua ultima vontade, e cumpriu se. Só não cumpriram o seu desejo de muita simplicidade na sahida para a sepultura. Quando o levaram a enterrar a impo-nencia do acompanhamento fez esquecer a modestia da carreta mortuaria.

Está por escrever um grande livro que tenha por titulo o nome tão simples e tão grande de Taborda — livro que abrangeria mais de cincoenta annos da vida do theatro portuguez e da vida accidentada d'este homem que foi uma gloria nossa e que pelo seu talento real subiu da humildade da sua origem ao primeiro logar da scena. Será um trabalho curioso que demanda muita paciencia, muito estudo, muita investigação, a começar em Abrantes, onde Taborda nasceu em 1824, e a terminar n'este começo de seculo.

No *Brasil-Portugal*, que rememora com muita saudade o artista incomparavel, e o amigo querido, cabem apenas algumas notas da sua biographia e umas tantas gravuras, entre as quaes destacamos a reprodução de uma caricatura, hoje rara, feita em 1873 por Bordallo Pinheiro.

Taborda veiu para Lisboa aos nove annos, ahi por volta de 33. Foi typographo na typographia Motta, no Rocio.

Este Motta era dono de um barracão de arlequins no local em que hoje existe o theatro do Gymnasio. Taborda, frequentador assiduo do barracão, sentiu desde os primeiros tempos um desejo fundo de ser actor. E realisou esse desejo, quando em 1846 a barraca se transformou n'um modesto theatro, que se inaugurou com o melodrama, de Lucca, *Fabricantes de moeda falsa*. Datam d'essa época convulsionada as relações intimas de Taborda com Paulo Midosi, Emilo Doux e o maestro Miró. Fechado o theatro n'aquelle mesmo anno por motivo da revolução da Maria da Fonte, e reaberto mais tarde, Taborda apparece-nos como tenor de opera comica. Em 1852 o theatro soffre nova remodelação, é ampliado, e abre em 16 de novembro, sendo directores Taborda, Manuel Machado e Midosi, apparecendo então nos cartazes como auctores dramaticos os nomes de Mendes Leal, Midosi e Francisco Palha, este ultimo mais tarde emprezario da Trindade.

Em 54, cremos, Taborda faz, pela primeira vez, o *José do Capote*, a scena comica que tanto concorreu para evidenciar o seu assombroso talento, o *Tio Matheus*, *Effeitos do vinho novo*, e tantas outras.

Saindo do theatro, o artista que o publico venerava escripturou se na Trindade onde se estreiou na peça de Midosi *O sr. Procopio fica em casa na noite de...* Mas a saudade attraía-o para o primeiro palco das suas glorias e pouco tempo depois voltava para o Gymnasio, onde creou um repertorio enorme, de que destacamos: *Misanthropo*, *Medicina de Balzac*, *Pedro o tecelão*, *Homens ricos*, *Doente de scisma*, *Medico á força*, *Voz do sangue*, *Casamentos ricos*, comedia em que tambem entrava Antonio Pedro; *Inglez e francez*, *Medicos*, *Amigo dos diabos*, *Ditoso fado*, com Maria das Dóres e com Beatriz Rente, e que na Trindade desempenhara com Rosa Damasceno; *Divorcio-nos*, a linda comedia de Sardou, na qual desempenhava um pequeno papel de commissario no 3.º acto, que era uma maravilha de interpretação; *Amór londrino*, que desempenhou com Emilia Candida e depois com Emilia dos Anjos e com Lucinda Simões; *Fatija da Primavera*, *Dominós brancos*, *A roda da Parvonia*, a celebre revista de Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, *Amigo Banana*, o *Andador das almas*, com Florinda, a parodia á *Traviata* com Maria Joanna.

Annos volvidos, Taborda, avelhentado e surdo, é reformado como actor de 1.ª classe e esconde-se na sua socegada casinha da Rua do Diario de Noticias. Mas o publico, que o não esquecerá nunca, quando elle uma bella noite, em outubro de 1897, reapareceu no theatro de D. Maria, nos *Medicos*, fez-lhe tal ovação, tão grande, tão ruidosa, tão prolongada, que o bom Taborda chorou a bom chorar, abraçando-se com a sua companheira na scena, a encantadora velhinha que foi Emilia Candida.

Depois d'essa noite, o artista entrou por vezes em recitas de caridade, sempre ruidosamente recebido pelo publico que se não cançava de o ver.

Para bem se avaliar da verdade e da naturalidade da sua dicção no palco, destacamos de entre as numerosas notas curiosas da sua carreira, esta:

Convidado a representar uma das suas scenas comicas n'um



Taborda aos 40 annos

convento do Porto, diante de educandas, Taborda escolheu o *Tio Matheus*. Ao entrar no salão, já caracterisado e com o seu delicioso sorriso de bondade, disse com tal singeleza esta phrase:

Boas noites nos dê Deus!

que toda a assembléa, illudindo-se, se ergueu, exclamando com a mesma singeleza:

Boas noites, sr. Taborda

O ACTOR TABORDA



Caricatura de Bordallo Pinheiro oferecida a Taborda na noite do seu beneficio em 13 de dezembro de 1873

mas — vivendo pelo sorriso e para o sorriso. Até praticou o bem a sorrir e fazendo sorrir os outros.

Morreu. E quando o seu corpo enrugadinho e enregelado atravessou as ruas da cidade, pela primeira vez ninguém sorriu á sua passagem... Choravam todos.

Ah! mas eu tenho a certeza que além, para lá da cupula azul do

Entretanto, o certo é que as illusões, que se conservam viçosas na plateia e nos camarotes, murcham por detraz dos bastidores; e desde que me lembro que uma actriz na peça tinha carruagens, librés, laçaios, etc., e ao acabar o espectáculo, chovia agua se Deus a dava e não possuia sequer chapéo de chuva, jurei nunca mais acreditar no que via no theatro de fóra para dentro! Já vêem, pois

A morte do actor Taborda



(Cliché de J. Benollet).

O grande actor Taborda no leito mortuario

infinito como d'antes, para além da cupula do ponto, elle sorria para nós, paraphraseando o estribilho da cançoneta — *o velhote já cá está!*

E, como escrevendo d'elle, Ramalho Ortigão disse no *Album das glorias*, ao entrar no reino da gloria, com aquelle ar circumspectamente comico com que entrava no Gymnasio, o venerando porteiro do reino dos céus, batendo-lhe prasenteiramente no hombro, ter-lhe-ha dito:

«— Bem, ó seu Taborda, agora não me faça rir, aliás as almas perdem-me o respeito e Deus Nossó Senhor multa-me!»

... O nosso grande Taborda!...

CAMARA LIMA.

Francisco Alves da Silva Taborda

E' para mim axioma que em todas as familias ha umas certas pobres, typicas e tradicionaes, que recebem esmola periodica ou quotidiana por devoção e do coração. Na minha familia foi e continúa a ser curiosa a galeria historica, e, sem necessidade de amontoar exemplos, lembrarei uma familia, que passando em resenha o muito que tinha visto n'este mundo, exclamava com profundo pesar: "O que nos falta ver é uma fragata por dentro!". Ha, pois, muita gente que conhece o theatro por fóra, mas só lhe falta vel-o por dentro. E nem queiram ver a fragata por dentro... o theatro, digo! Não me atrevo a avançar que seja o caso — por fóra cordas de viola e por dentro pão bolorento. Longe de mim irrogar semelhante injuria ao que está do panno de bocca além, porque estou como Garrett, que, dizendo nas côrtes que D. Fernando tivera uma filha formosa, e porque José Estevão lhe retrucasse n'um áparte: "Por signal era bem feia", replicou: "Entendi ser contra as prerogativas da corôa chamar feia a uma princeza de Portugal!". Também entendo que é contra as prerogativas da corôa de palco applicar a ultima parte do adagio.

que não conheci Taborda no theatro, porque, se o conhecesse, nem acreditava que era elle, nem mesmo o que elle é!

Foi, portanto, na officina typographica de Pedro Borges, na rua da Oliveira, que o conheci, e nada menos do que em 1846, época memoravel e memoranda para os bons patriotas... *quorum magna pars fui!* Em 1846, a Maria da Fonte triumphara, e eu com ella! Guerreiro em perspectiva, poeta *casqui molle* e politico *ovis perfeito*, quiz dotar o meu paiz com um hymno popular e revolucionario, e

O enterro de Taborda



O prestito passando no largo do Rato

(Cliché de A. C. Lima).

de camaradagem com Frondoni — sahio o hymno do Minho. Rompia o hymno:

Baqueou a tyrannia!

O duque de Palmella, ministro da revolução, prohibiu que baqueasse, e, logo á nascença, não consentiu que se cantasse. Não entendi, como não tenho entendido o que outros ministros de ou-



O enterro de Taborda. — Subindo a rua Alexandre Herculano
Grupo de atrizes acompanhando a carreta funeraria

tras revoluções. Não venci, portanto, como poeta popular, puz-me á testa de um jornal — *A Revolução do Minho*, que sustentava, já se vê, os principios revolucionarios; e, ao principio, tive por collega Antonio da Cunha Ribeiro Sotto-Maior, que, em breve, me desamparou com o maior desafogo. Hoje, como devem saber, é diplomata. Para perto se mudou.

De Beranger a Graccho, vae um passo. Ou compositor de hymnos ou tribuno: não ha meio termo.

Tem-se dito, e é verdade, que o amor e a amizade nascem, crescem, enraizam-se, sem se saber porquê; e Damon e Pythias, Orestes e Pilades, não estiveram, de certo, muito tempo — *ó tio, tio, deite para cá o batel*, para chegarem a amigos intimos.

Talvez que, passado muito tempo, quando escrevi estes versos vesgos, *Na guerra particular antes da paz geral*, me lembrasse mais de uma vez de como se creara ao pé dos caixotins a nossa amizade:

Assentado ao caixotim
Lá na imprensa a compôr,
Lí eu uma historia assim,
Tambem historia d'amor.

Pensei que tudo era péta,
Mas que tolo que era eu!
Soffres tu, qual Julieta,
E eu amo como Romeu.

Acreditam que Taborda não se parece nada com Julieta, agora eu com Romeu, não digo nada... E' materia de gosto.

Pobre Taborda! N'esta época, a sua fortuna era bem limitada, e assim Emilio Doux admittiu-o a cumular no carunchoso pardiheiro do Gymnasio, e fel-o debutar, creio eu, ainda por favor, no *Marido que se desmoralisa* — n'um papel de moço de botequim, em que não



O enterro de Taborda. — No cemiterio — Brazão e Augusto Rosa
Clicês de A. C. Lima,

tinha mais nada que dizer senão: "Salta um chá de tilia!". Pois não lhes mintu se lhes disser que este simples dito grangeou o salto da reputação, e Doux convenceu-se que tinha em casa um actor. Por muito tempo, Taborda trabalhou no theatro e na officina, e tudo junto não lhe enchia nem a cova de um dente furado! Em proventos, não tinhamos que invejar um ao outro, porque eu abarrotava um jornal todo . . . e de graça. Era dedicação ao meu partido, que até hoje me recompensou generosamente, ás avessas! Mas, em summa, como todos se arranjaram e optimamente, não ha razão de queixa.

Ainda me recordo do primeiro presente que dei a Taborda. Foi um lenço de risquinhas encarnadas, *alliança*, mesquinha, como mesquinho nasceu o doador, viveu até hoje, e provavelmente peor morrerá! Entretanto, esta prenda foi tão rica para Taborda, que, com ella no pescoço, atravessou as numerosas representações da *Velhice namorada*, e quando já não restava senão um trapinho, confessou-me, quasi com as lagrimas nos olhos, que o tinha perdido!

Os maus costumes adquirem-se com facilidade. Taborda era exclusivamente actor, eu por força havia de escrever exclusivamente para o theatro, e por elle e só por elle atirei-me, como gato a bofes, á litteratura comica. Elle ria ou os outros riam, quando representava; eu não podia chorar nem fazer chorar. Agora o que devo confessar é que, como escriptor de theatro, ganhei tanto como politico. N'uma e n'outra carreira pagaram-me com a gloria, e louvaram-me o patriotismo e a abnegação.

O velho Gymnasio está a ameaçar ruina; quem o salvará? Quem? Eu e Taborda. *Corro a saltar te*. Surge a idéa da época comica; Emilio Doux foge espavorido, porque entende que a arte fica pelas ruas da amargura, e eu lembrando-me do mestre Horacio — *Si fractus ilabatur orbis*. . . engendro, de sociedade com Miró — *A Marqueza*. Que triumpho. Arvore Taborda em tenor e galan. . . (tenho feito d'elle gato sapato) e o theatro está salvo.

D'aqui em deante a enxurrada musical é certa; e ainda Taborda apparece successivamente nas minhas operas-comicas — *Conselho*



O enterro de Taborda. — No cemiterio — Angela Pinto e Schwalbach

dos dez e Qual dos dois? N'estas duas ultimas foi collaborador o meu excellente amigo José Maria da Silva Leal. A este tempo, o credito de Taborda estava solidamente de pé, mas o barracão do Gymnasio é que ia a terra; e então tratou-se de o cauterisar. Para grandes males grandes remedios. Em 16 de novembro de 1852 é a abertura, e, já se vê, ahí figuro conspicuamente com o *Misanthropo*, e Mendes Leal com o *Tio André que vem do Brasil*. *Fervet opus!* Sou infatigavel, e uma cataracta de traducções, imitações e originaes esmaga o remoçado Gymnasio. De *refuerzo a Murillo* vem o meu amigo Francisco Palha; e desde o *Andador das almas* até á *Fabia*, Taborda vae de dia para dia captando as sympathias do publico.

De repente, acode-me nova idéa. O genero de Lavassor, a scena comica, podia ser introduzido entre nós; e sem mais nem mais apparece o *José do Capote*. Todos ou quasi todos o viram; e por isso sabem que, com esta producção, fiz a felicidade do meu paiz e juntei tal carrada de louro, que ainda ha pouco, pela Paschoa, deixou de se engrinaldar a cosinha.

Ao *José do Capote* seguiram-se: *O amigo dos artistas*, *A sahida da tragedia*, *O amor pelos cabellos*, et reliqua. A inimitavel criação de Miguel, o torneiro deu-me vontade de escrever *A historia de um marinheiro*. Não me sahi bem, porque Taborda chorou devéras durante a scena, e no theatro, para se chorar bem, é necessario fingir que se chora.

O Gymnasio começa a adoecer de cachexia pecuniaria, quasi faz ponto e não paga mesmo ao ponto. Taborda vê-se forçado a fazer vida de camaleão; abre-se a Trindade. Palha, que é tambem amigo d'elle (e quem o não é?) fala-lhe para lá ir, com as condições que quizer; a concessão illimitada rejeita-a; e Taborda consulta-me, obriga-me a prometter-lhe que o hei de acompanhar. Prometto e

cumprio, apesar de já me faltar o gosto, com o augmento dos annos e os dissabores devorados em silencio, que me tem cortado o melhor da vida. A estreita de Taborda na Trindade é ainda com o *Senhor Procopio Baeta fica em casa na noite de . . .*, da minha lavra; e, por um esforço sobrehumano, sahem dos bicos da penna — *Sarau litterario e a Grã-Duqueza de Geroistein no penultimo andar.*

Reina Offenbach, e Taborda, que se não entendia com esta *realza*, tem de regressar ao Gymnasio. O bom filho á casa torna. E' velho, mas exacto.

Aqui, dou fundo. Se vos falei de mim simultaneamente com Taborda — é porque entre um e outro ha a mais estreita ligação. Não a ligação physica dos siamezes, mas a moral.

Muitos acreditam que Taborda está sempre a rir, e, por vezes, tenho observado, que muita gente, ao passar por elle, ao fital-o, ri-se! Um d'estes, e dos mais sinceros, foi um moço de um botiquim, que houve, ha pouco tempo, proximo do adro da igreja da Encarnação. Taborda entra para ver a casa, e pede uma limonada para não passar por *emprazador*. O moço, apenas o avista, desata a rir, a rir, pede ao balcão a limonada, e a rir a serve ao freguez. Taborda vae para pagar e pergunta:

— "Quanto é?"

— "Não é nada."

— "Como! Não é nada?"

— "Não senhor. . . (riso alvar) o senhor tem-me feito rir tanto no theatro. . . (novo riso do citado auctor) que me ha de dar licença, que lhe offereça esta limonada!"

Pois, senhores, o homem que suppondes folgazão e sempre a rir, é mais melancolico do que jovial; e não o estranho, porque Bouffé, um dos mais graciosos actores que teve ha annos a França, adoeceu de hypocondria, e, sendo visitado por um medico celebre, como lhe não atinasse com a molestia, disse-lhe:

— "Porque não vae ao theatro ver Bouffé? Isso de certo o distrahia!"

Bouffé, baixando tristemente a cabeça, respondeu:

— "Bouffé. . . ? Sou eu!"

Agora, se Taborda é, com effeito, um grande talento, se merece a estima do publico, o mesmo publico que resolve o problema, se é que não está já resolvido. Cá por mim só digo que é e tem sido um meu verdadeiro e sincero amigo.

1873.

PAULO MIDOSI.



O cavalleiro tauromachico Joaquim Alves

† a 7 de março de 1909

O fallecimento de Joaquim Alves, que a imprensa diaria registou em termos onde se fazia justiça aos meritos artisticos do mallogrado cavalleiro, constituiu, sem duvida, uma perda irreparavel para a tauromachia portugueza.

Foi relativamente curta a sua carreira, mas durante as épocas em que Joaquim Alves exhibiu as suas extraordinarias faculdades em frente dos cornupetos, patenteou sempre, a par de vastos conhecimentos technicos, primorosos dotes de cavalleiro que o collocaram, em pouco tempo, a par dos mais distinctos émulos da arte de Vimioso.

Logo nas primeiras corridas, ao apparecer na arena, o publico *aficionado* teve ensejo de apreciar o merecimento do insigne equitador, quando elle, montando o celebre cavallo *Zapata*, fazia gala dos seus conhecimentos hypicos, domando com singular pericia o fogoso animal. Se como equitador grangeou nome perduravel, na fórma de tourear procurou sempre seguir os conselhos do seu mestre o notavel *aficionado* pratico, sr. Victorino Froes, cujas lições Joaquim Alves aproveitou admiravelmente, realçando o seu trabalho com lances artisticos de innegavel valor. Por isso diligenciou sempre executar as sortes segundo os preceitos, sem recorrer a *trucs* vantajosos ou *ficelles* de peor gosto, muito do agrado do publico ignorante, mas que não attestam a intelligencia do artista correcto.

Por isso os *aficionados cultos* reconheciam no brioso cavalleiro o toureiro de boa escola que pugnou sempre pelo engrandecimento

da arte onde havia conquistado, mercê do seu indiscutivel valor, um nome de eleição.

Afastado voluntariamente da arena Manuel Mourisca, mortos Tinoco, Fernando de Oliveira e Joaquim Alves, pode quasi affirmar-se que o toureiro equestre, a forma classica de tourear, desapareceu, deixando um vacuo incrível que, por emquanto, não vemos quem o possa preencher cabalmente.

Lamentando o prematuro passamento do desditoso artista, o *Brasil-Portugal* insere o seu retrato, prestando assim uma simples mas sincera homenagem a tão distincto cultor da arte de Marialva.

RELOGIO DA VIDA

Ao poeta M. Duarte d'Almeida

Tal como o Sol desponta em berço auriluzente
E derrama no céu a sua luz serena,
A criança que nasce — uma flor innocente —
Espalha no seu lar o aroma da assucena.

O astro que alvoreceu, a flor ha pouco aberta,
Ambos um prazo têm e um fim para viver;
E em relógio fatal e que o destino acerta,
Começa aureo ponteiro o giro a percorrer.

E marcha com ardor na aurora da subida;
Quadra feita de luz e cheia de ideias:
Os primeiros clarões que alumia a Vida,
Como do claro Sol os raios matinaes.

Attinge o astro do dia o seu meridiano
E logo no relógio o sensível ponteiro,
Indica um ponto firme, o ponto mais ufano
Que tem assignalado em seu andar ligeiro.

Eis o Sol rebrilhando em todo o seu fulgor!
Pois elle é como nós! Na fresca mocidade
Circunda-nos a Vida em rutilo esplendor;
Que deslumbrante tempo! e que feliz idade!

Mas vai descendo agora a agulha delicada
No claro mostrador; e o homem e o Sol enorme
Descem suavemente a sua curta estrada
Que vae perder-se ao longe, onde o misterio dorme.

Abranda a luz solar, empallidece o dia;
E' penosa a descida, é feita de descrenças;
Foge de nós a força, esfuma-se a alegria
E formam-se no céu algumas nuvens densas.

E' já o pôr do Sol — crepusculo da Vida —
A alma tenta lançar o clarão derradeiro;
E no relógio mudo a agulha em sua lida
Marca outro ponto firme, austero, verdadeiro.

Desapparece o Sol no horizonte doirado;
Recolhe-se na campa um ente que viveu.
E o relógio parou! o relógio acertado
Para marcar a Vida ao ser que se escondeu.

Maio de 1907.

(Admitto)

Mario Pacheco.



Viscondessa da Silva Carvalho

† Pau a 9 de março de 1909

Casa de saude "Portugal e Brasil"

Para aquelles que ha 11 annos, só pensando na vantagem de estreitar cada vez mais as relações entre os dois paizes que falam a lingua portugueza, fundaram uma Revista que nunca até hoje desmentiu o seu programma ou afrouxou no seu patriotismo, para os directores do *Brasil-Portugal*, nada mais agradável do que fixar nestas columnas com sinceridade e entusiasmo a impressão que lhes deixa no espirito tudo o que em Portugal represente um estímulo, uma iniciativa, ou um facto realiado,

saude *Portugal e Brasil*, e não occultamos a extranha surpresa que nos causou essa manifestação viva, presente, indubitavel, do valor, da acção, da vontade e da energia que, apesar de todos os desfallecimentos da hora presente, ainda são apanagio da alma portugueza.

Como é que num curto espaço de tempo—quatro annos apenas— com um capital escasso, arranjado aos poucos, ás migalhas, quasi implorado de porta em porta, aqui obtido, ali recusado, e reclamado em toda a parte com um dispendio de argumentos, de razões, de esforços de toda a ordem, não raro seguidos de decepções amargas, como se comprehende que um homem só, sem estar guindado as alturas de politico ou de financeiro, um medico modesto, que nunca pretendeu ser empurrado pelo reclamo espalhafatoso, tendo por unica força a sciencia, por alavanca a vontade, e por objectivo um serviço á sua patria, como é que este homem, desajudado de to-

Casa de Saude "Portugal e Brasil"



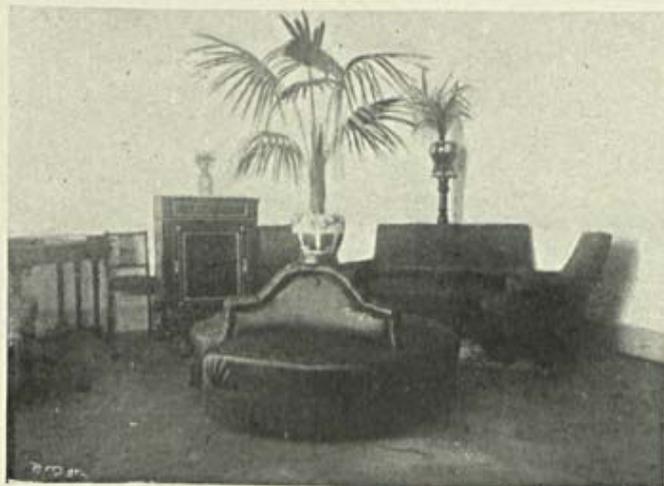
Vista geral do edificio

tendentes a avigorar e desenvolver a propaganda entre o Brasil e Portugal.

Estamos deante de uma grande obra, de uma iniciativa levada a effeito, de um ideal convertido em realidade, de mais um traço de união entre Portugal e o Brasil, estamos deante de um acontecimento que num paiz que não fosse o nosso, onde houvesse outro objectivo

dos os outros elementos, os unicos que em geral triumpham neste paiz, conseguiu tudo o que ali se vê, tudo o que ali se examina e admira?

Apressemos-nos a escrever aqui o nome do sr. dr. Gomes de Amorim, d'esse medico portuguez a quem se deve a *Casa de Saude Portugal e Brasil*.



Casa de saude «Portugal e Brasil»

Sala de recepção destinada ás senhoras

(Cliché de A. C. Lima).



Casa de saude «Portugal e Brasil»

Um dos quartos

que não fosse o politico, seria por todas as fôrmas celebrado, exaltado e engrandecido.

Acabamos de fazer uma instructiva e minuciosa visita á *Casa de*

Esse melhoramento, esse serviço a Portugal, e principalmente á cidade de Lisboa, deve-se a elle. Neste malfadado e formoso canto da terra em que os palavrosos medram, fez elle, portuguez! uma obra

Politica internacional

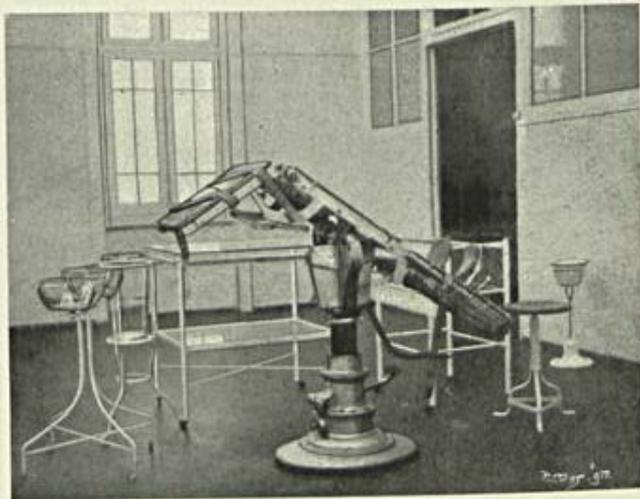
pratica, humanitaria, utilissima. Teve uma concepção grandiosa, benéfica, altruista, e em vez de seguir o exemplo da maior parte dos seus compatriotas, em vez de gastar o tempo a discuti-la inutilmente, ou a exaltar-se a si proprio, realisou-a. A distancia, que vai da imaginação á execução, só a mediu para a vencer. Só viu os attrictos para os demover, só defrontou os obstaculos para os supplantar. E por compensação de todas as amarguras soffridas numa odyssea de quatro annos, basta-lhe a consciencia satisfeita por prestar um serviço á patria e á humanidade.

Estas palavras são justas, são mais do que isso, são precisas para despertar iniciativas e mover incredulos. Se não fossem tudo isto, não as escreveríamos.

A *Casa de Saude Portugal e Brasil*, situada na linha de Bemfica, á Cruz da Pedra, protegida do vento norte a meia encosta de uma collina pittoresca, pela sua situação climaterica, pelo espectáculo panoramico, que d'ella se disfructa, pelas suas condições de hygiene, pela sua vasta e grandiosa installação que obedece a todos os preceitos da sciencia moderna applicavel e a todas as exigencias da commodidade e do conforto, é, no seu genero, um modelo.

Não se esqueceu o medico previdente e sabedor, habilitado com o perfeito conhecimento do que de melhor possui o estrangeiro, de reunir nesse exemplar estabelecimento de saude, tudo o que se torna indispensavel áquelles que havendo-a perdido procuram rapidamente reconquista-la.

Depois de instalar os doentes com o maior conforto, em quartos amplos, arejados, elegantes, hoje em numero de 50, mas que serão



Casa de saude «Portugal e Brasil»

(Cliché de A. C. Lima).

Sala das operações

mais amanhã se o serviço o exigir, e cujos preços variam entre 2\$500 e 6\$000 réis diários, comprehendendo alimentação e todo o serviço de enfermagem, não se esqueceu de lhes facultar a escolha de medico, se preferissem um de fóra aos da casa, que são todos clinicos do hospital de S. José, e mais ainda, não se esqueceu de dispôr os apoentos por fóra a permittir que as familias dos doentes, querendo, lá se possam instalar.

A secção de operações e a sala de curativos obedecem a todas as exigencias scientificas. São dos mais aperfeiçoados systemas os apparatus cirurgicos, e a sala de esterilisação com o seu autoclave *Odenets*, as suas estufas, os seus lavatorios, as suas vitrines, em que se expõem os mais modernos apparatus do Instituto Pasteur, provam o cuidado com que o illustrado medico attendeu a esta importante secção da Casa de Saude.

A magnifica installação electrica, a illuminação profusa, o aquecimento, pela electricidade, em todas as dependencias, a solidez e elegancia do mobiliario, tudo portuguez, construido nas casas Barbosa & Costa, de Lisboa, e Carreiro, do Porto, os pavimentos dos quartos revestidos de lanitite e as paredes pintadas a ripolin, e finalmente um sem numero de cousas necessarias, uteis, modernas, provam a excellencia da installação que veio dotar Lisboa com uma Casa de Saude á altura de uma cidade civilisada.

Teve auxiliares importantes e dedicados o sr. dr. Gomes d'Amorim, devendo entre elles especialisar-se o constructor do edificio, o sr. Antonio Ribeiro, que deixa ali um documento do seu grande valor.

As gravuras que nestas paginas publicamos dão uma pallida ideia do que é, do que representa no interesse de estrangeiros e principalmente de portuguezes e brasileiros, essa nova instituição que faltava a Lisboa e que se chama a *Casa de Saude Portugal e Brasil*.

Em toda a parte, até na China, as mulheres são excessivamente boas. . quando nada ha que as obrigue a serem más.

MERY.

Por falta d'espaco não tendo podido occupar-nos na chronica anterior da queda de Kiamil Pachá, fal-o-hemos hoje, não para relembrar factos que pelas publicações diarias são so-bejamente conhecidos, mas para lhes fixar a significação e a importancia, que são grandes para a historia da fundação do novo regimen constitucional na Turquia.

A substituição do velho grão-visir, que ainda não ha muitas semanas tinha alcançado do parlamento de Constantinopla um voto pleno



Francisco José
Imperador da Austria

de confiança pela exposição da politica interna e externa do governo a que elle presidia, foi em grande parte surpresa para o grande publico do occidente. Suppunha-se que depois d'aquelle voto a situação de Kiamil Pachá estava assegurada por algum tempo. Não foi, porém, assim.

Parece que embriagado com o apoio unanime da camara e illudindo-se sobre o alcance do voto que acabavam de dar-lhe, o grão-visir começou a sentir ciúmes da influencia dos jovens-turcos e do



Pedro I
Rei da Servia

comité «União e progresso», que é uma especie de poder occulto ao lado do governo legal, cujos actos permanentemente fiscalisa. Segundo a versão joven-turca o grão-visir de accordo com o sultão preparava um golpe de estado para se emancipar da tutela dos fautores da revolução, e talvez mesmo para dar o golpe decisivo no regimen constitucional. Seja, porém, como fór, o certo é que Kiamil



Duque de Loulé

*Mordomo-mór e vedor da S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia
Estrabeiro-mór da Casa Real
General de brigada de cavallaria
(† a 3 de Março de 1909)*

Pachá, sem consultar os seus collegas e sem a menor indicação da camara, demittio summariamente os ministros da marinha e da guerra, que tinham, sobretudo este ultimo, a inteira confiança do comité «União e progresso», e substituiu-os por creaturas suas, conhecidas pelas sympathias que manifestavam pelo regimen hamidiano.

Apenas a noticia da crise ministerial e da maneira como tinha sido resolvida chegou ao conhecimento dos jovens-turcos, apressaram-se estes a tomar todas as medidas parlamentares e extra-parlamentares para derrubarem o governo. Parlamentarmente exigiram que

que o governo tentasse qualquer golpe de mão contra o parlamento. Vendo-se abandonado pela força armada e encontrando-se em frente da camara quasi unanimemente levantada contra elle, Kiamil Pachá respondeu ao voto de desconfiança, votado pelos deputados, enviando o pedido de demissão a Abd-ul-Hamid, que o acceitou nomeando-lhe para successor Hilmi-Pachá, homem de grande valor cuja candidatura os jovens-turcos recommendaram. Até aqui os factos. Vejamos agora qual é a sua significação.

Não ha duvida que a crise ministerial provocada pelo procedimento de Kiamil Pachá terminou pela victoria completa dos jovens-turcos. Se o sultão alimentou a esperança de poder fazer ao actual parlamento o que ha trinta annos fez ao convocado por Midhat-Pachá, deve a estas horas estar desilludido de todo. Pelo menos por agora e emquanto os constitucionaes procederem com a moderação e a habilidade com que estão procedendo, não é provavel que a reacção possa vencer. O regimen hamidiano está morto e bem morto, e quaesquer que sejam as vicissitudes por que o actual regimen tenha de passar, é de todo o ponto seguro que não se voltará outra vez ao antigo estado de cousas.

De mais os jovens-turcos tem dado taes provas da sua habilidade politica e do seu tino diplomatico, que a Europa começa a estar convencida, se o não está já, que a continuação do presente regimen em Constantinopla é a melhor garantia da paz balkanica.

Fica de pé sempre a duvida, como é que um governo e uma revolução meramente politica podem modificar tão profundamente o modo de ser de um povo, a ponto de o converterem, n'alguns mezes, de um bando de escravos, sem voz e sem iniciativa, n'uma sociedade cheia de enthusiasmo e de aspirações de progresso?

Esta duvida, que formulámos quando pela primeira vez nas presentes chronicas demos conta da revolução turca, persiste ainda. No entretanto, forçoso é confessal-o, o curso dos acontecimentos vae todos os dias fazendo diminuir o nosso scepticismo. O Japão é quasi um milagre no Extremo Oriente. Não poderá a Turquia no Oriente mais proximo constituir a segunda apparente derogação ao que até agora parecia uma incontestavel verdade? O futuro o dirá.

Continúa a questão balkanica a prender todas as atenções, ora despertando justificadas esperanças n'uma solução pacifica da crise actual, ora pelo contrario augmentando os receios de que só pela guerra o presente nó gordio se possa desatar. Umas vezes o perigo parece estar em Sofia, outras em Constantinopla, outras em Belgrado

No dia do enterro do Duque de Loulé



(Cliché de J. Benoit).

S. A. o sr. infante D. Affonso á porta da casa do fallecido

Kiamil Pachá fosse á camara sem demora dar explicações acerca do seu procedimento inconstitucional. Extra-parlamentarmente promoveram manifestações da parte do exercito e da marinha, chegando a ameaçar com o bombardeamento o palacio do sultão, no caso em

outras em S. Petersburgo. N'este momento tudo leva a crer que está em Vienna. O accordo austro-turco está assignado. D'este lado, pois, nada ha a recear. O accordo turco-bulgaro, graças á intervenção opportuna e habil do sr. Isvolsky, está tambem em vespas de

ultimar-se. A unica questão que está em aberto ainda é a austro-servia, e é a proposito d'esta que as ultimas peripecias diplomaticas se estão passando com a rapidez e a mutabilidade de um caleidoscopio.

E' sabido como a Servia e o Montenegro teem protestado sempre, desde que a Austria-Hungria notificou ás potencias a annexação da Bosnia e da Herzegovina. A agitação em Belgrado e em Cetigne tem sido tal, que só a energica intervenção das potencias conseguiu até agora impedir qualquer explosão.

Sendo, porém, perigosa para a paz a continuação de semelhante estado de cousas, a Russia propoz uma *démarche* collectiva das grandes potencias ao mesmo tempo em Vienna e em Belgrado para aconselhar moderação aos dois adversarios, e eventualmente encontrar a formula que pudesse harmonisar os dois antagonicos interesses. A Austria apressou-se a declarar pela sua imprensa officiosa, que não toleraria tal imposição e a Allemanha, segundo a norma de proceder da sua alliada, recusou juntar-se com os outros signatarios do tratado de Berlim para os efeitos da proposta do ministro dos negocios estrangeiros russo. Em vez de uma *démarche* ás duas capitães propoz pelo contrario que essa *démarche* se fizesse apenas a Belgrado.

Restava saber qual seria a attitudo da Russia perante a contra-proposta allemã. Até que a resposta de S. Petersburgo foi recebida nas chancellarias, a anciedade foi grande, porque no caso de o gabinete de S. Petersburgo se não prestar ao que d'elle exigiam, tal recusa significaria que a Russia animava a Servia a insistir no seu pedido de compensações territoriaes, o que importava a guerra. Felizmente o sr. Isvolsky accitou a proposta allemã e mais uma vez a esperança n'uma solução pacifica renasceu. Por uma manobra diplomatica, porém, ainda não muito claramente explicada, em vez de a Russia se juntar ás demais potencias para collectivamente aconselharem a Servia a ser moderada nas suas reivindicações, antecipou-se á acção em commum e sósinha insistiu com o governo de Belgrado para que este desistisse do seu *minimum* de exigencias, sobretudo na questão territorial, comprometendo-se as potencias pelo seu lado a obterem da Austria as compensações economicas indispensaveis para a expansão do reino servio. Voltou de novo Belgrado a ser o arbitro da paz ou da guerra, e durante alguns dias a incerteza foi grande. A resposta da Servia aos conselhos da Russia chegou finalmente, e esta resposta é concebida em termos tão habeis que a questão austro-servia mudou immediatamente de aspecto. O governo de concentração presidido pelo sr. Novakovitch submete-se a todas as indicações de S. Petersburgo, e como a Russia lhe promettera em nome das potencias salvaguardar os interesses da Servia, se esta se mostrasse disposta a seguir os conselhos que lhes eram dados, ás potencias entrega a sua causa para que lh'a defendam. Como se vê, este expediente é habilissimo, porque d'esta maneira o governo de Belgrado desinteressa-se apparentemente da questão, e deixa a Austria em frente das potencias para a resolução final do assumpto.

Accitará o barão de Aehrenthal esta situação ou persistirá em querer tratar das compensações economicas directamente com a Servia, como os jornaes de Vienna já deixam antever, e sem intermediario algum?

Não é provavel que as outras nações e especialmente a Russia, depois da sua ida a Belgrado, em tal consintam. Se a Austria teimasse em eliminal-as das negociações seria isso a guerra, e d'esta vez não já com a pequena Servia, mas com o grupo das potencias do «tríplice accordo». Porisso o barão de Aehrenthal ha-de pensar duas vezes antes de recusar definitivamente tratar em commum a questão das compensações economicas a offerrecer á Servia.

Chegámos, pois, ao ultimo acto da intrincada questão balkanica, que ha perto de seis mezes tem suspensa sobre a Europa a ameaça de um terrivel conflicto, a que porventura se veriam arrastadas quasi todas se não todas as nações do nosso continente.

Mas fica a questão oriental definitivamente resollvida com o accordo austro-servio, que vae negociar-se?

De modo nenhum. A Servia e o Montenegro sob a pressão das potencias resignaram-se por agora a desistir das reivindicações, que julgam indispensaveis para a sua existencia nacional. O odio dos slavos do sul contra a Austria não perderá a sua acuidade por motivo do *modus vivendi*, que não contentará nenhuma das partes. Pelo contrario intensificar-se-ha para irromper mais implacavel na primeira occasião, que não póde tardar. Vêr-se-ha então como foi dementada a politica do barão de Aehrenthal em ter desencadeado todo este conflicto com a annexação da Bosnia e da Herzegovina, e como depois de o ter desencadeado foi imprudente o ministro dos negocios estrangeiros austriaco em não ter procurado chegar a um accordo razoavel com os dois estados slavos. Dada a actual composição da monarchia austro-hungara, onde numericamente predominam os slavos, chega a ser loucura ir de coração leve tornar esse elemento incompativel com a organização do imperio, que só póde continuar a existir pelo consentimento das principaes raças, que o compõem.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Fallava-se um dia, na presença de Carlos V, de certo militar hespanhol que se gabava de jámais ter tido medo de cousa alguma. — Isso é falso — respondeu o monarcha — pois é preciso que nunca espevitasse uma luz com os dedos, porque, pelo menos, havia de ter medo de se queimar.



Conde de Bertiandos

Actual presidente da Camara dos Pares

Mantise

Por que lhe vi as rosas jaspeadas
Do doce seio tumido, opulento,
Sinto morder-me as carnes perturbadas
Um esteril desejo. E em balde tento

Arrancal-o de mim; ás revoadas
Voltam, pungindo em lubrico tormento,
Parasitas crucis, visões aladas
Da imagem que não sae do pensamento

Minha alma entôa o psalmo da chimera
Com soluços de magoa, amor e fel,
E a fantasia em dôr que a dilacera,

Molhando em alvoradas o pincel,
Pinta no sonho, côr de primavera,
O tepido setim da sua pelle.

29-XII-98.

J. de Oliveira Simões.



Conselheiro José Joaquim Mendes Leal

Actual presidente da Camara dos Deputados

Problemas escolares

Um problema que preocupa os paizes cultos, e está interessando a pedagogia, é a determinação do objecto do ensino primario. Sabe-se que deve comprehender o minimo do saber indispensavel ao homem e ao cidadão moderno.

Mas qual é esse minimo? As democracias modernas asentam na soberania popular e no suffragio universal. Mas durante muito tempo não se pensou nas condições necessarias para o exercicio racional d'essa soberania. E todavia o homem moderno só é verdadeiramente um cidadão quando tenha a consciencia dos seus direitos e deveres, e, quando a sua consciencia anda associada á educação que o torna apto para desempenhar as funcções que lhe competem como membro d'uma democracia.

Sem existencia simultanea d'essas duas condições a experiencia tem demonstrado que as democracias não vivem nem florescem.

Mas além do cidadão temos de considerar o homem. As condições sociaes mudaram muito desde que o ensino primario se limitava ao a, b, c, á leitura, á escripta e ao calculo. Na epoca actual a sociedade é obrigada a dar ás creanças um ensino mais extenso que o de ler, escrever e contar. A ignorancia ou a quasi ignorancia do maior numero nas democracias modernas constitue um perigo e uma fraqueza politica e economica. Para nós o perigo economico está demonstrado com a situação dos emigrantes do continente no Brasil e dos das ilhas na America do Norte.

Por isso nos paizes cultos da Europa a preocupação é formar o cidadão, e habilitar o homem para as luctas da vida moderna e preparal-o para a concorrência internacional. E é tambem em obediencia a essa necessidade que na maioria dos paizes o ensino primario sahio da primitiva phase do a, b, c.

Mas qual é o minimo do saber indispensavel ao homem e ao cidadão moderno?

Emquanto o problema não fôr resolvido, o ensino primario, apesar de obrigatorio, não abandonará o empirismo em que se encontra, nem conseguirá uma organização racional.

O seculo XIX esboçou o problema, como muitos outros; mas estamos ainda muito longe da solução definitiva. E d'ahi deriva uma das causas principaes da crise do ensino primario, commum a todos os paizes, e manifestada nas hesitações e nas incoherencias da pedagogia, no cahos dos programmas, na preparação deficiente dos mestres, na organização defeituosa das escolas normaes.

Nem mesmo existe ainda a consciencia clara do fim a que o ensino primario se destina. Consideram-no geralmente como preparação para o ensino secundario. Em regra fazem exame de instrução primaria os que querem frequentar os lyceus. É uma concepção falsa e anarchica, justamente condemnada por Paul Bourget. O ensino primario é distincto, pela sua natureza, e pelo fim a que se destina.

Em 1907 o jornal francez *Matin* abordou em parte o problema, abrindo um concurso nacional para a educação da democracia. Dizia elle que não bastava ler nos monumentos e nas substituições as palavras — *liberdade, equaldade e fraternidade*. Era preciso ensinar ao homem desde a infancia a pratica das virtudes a que essas palavras obrigam.

O plano do concurso era pouco mais ou menos o seguinte:



A igreja da Castanheira do Vouga

No dia da visita do conselheiro Augusto de Castilho quando ministro da marinha, a 26 de setembro de 1908

1.º — Organisar o programma minimo dos conhecimentos intellectuaes necessarios para formar o homem e o cidadão moderno.

2.º — Estabelecer os principios da moral individual e civica que devam entrar no ensino primario.

3.º — Determinar a parte que devem ter no ensino primario a educação physica, a hygiene, a musica, a arte e os trabalhos manuaes.

Em Portugal seria interessante um concurso analogo e organizado em harmonia com as nossas condições nacionaes. E era oppor-



Cedro plantado pelo poeta Antonio Feliciano de Castilho, junto á residência parochial da Castanheira do Vouga, quando ali viveu com seu irmão o prior dr. Augusto Frederico de Castilho

tuno pelo interesse intenso que se manifesta por tudo o que diz respeito á educação popular. E á imprensa pela sua função educadora competia tomar a iniciativa.

Ficava-se sabendo o que as familias, os professores, as professoras e os cidadãos pensam sobre o objecto, natureza e destino do ensino primario.

A opinião publica, noutros tempos indifferente perante os arduos problemas da educação popular, procura hoje com energia e com unidade dar-lhes solução, convencida de que o desenvolvimento do ensino primario é uma condição do progresso social.

Pelo seu lado, o Estado conhece a relação intima que ha entre a ordem politico-social e o organismo chamado *escola primaria*; e comprehende que as grandes questões da vida devem pois andar ligadas á vida e educação de cada individuo.

Hoje a educação popular é considerada um instrumento indispensavel de salvação commum; e nenhuma nação culta pode subtrahir-se ao dever de lhe dar, mesmo á custa dos maiores sacrificios, o necessario impulso.

Mas tudo — todas as reformas, a orientação a seguir — depende da determinação precisa do objecto e destino do ensino primario. A confusão que a este respeito reina é origem da questão que se debate ainda: se a escola deve ser um *estabelecimento de educação*, ou se um *estabelecimento de instrução*. Emquanto uns desejam que a escola se limite a ministrar com a maior brevidade possivel uma determinada somma de conhecimentos, outros queriam que ella se tornasse *essencialmente educativa*. E' esta a corrente que prevalece em theoria. Na pratica estamos muito longe da realização d'esse ideal, nós e os outros povos. Na Suissa, apresentada como

modelo, a desordem que a este respeito reina é lamentável, como se vê no livro de Hagman, professor da escola de Saint-Gall.

Compreende-se que a instrução simples é incapaz de formar espíritos conscienciosos e reflexivos, não cria homens de carácter, nem cidadãos honrados. Mas o que falta é definir essa educação integral e harmonica, determinando o conteúdo do ensino, a orientação que deve ter, a parte que cabe na escola à religião, à moral, à hygiene, à gymnastica, aos trabalhos manuaes, ao canto e à arte.

••

Um assumpto interessante intimamente ligado ao antecedente é a *Arte na escola*, estudado no estrangeiro com o fim de crear a arte popular e formar o sentimento esthetico. O nosso povo e a nossa burguezia não tem o sentimento esthetico sufficientemente desenvolvido; a harmonia das linhas, das côres e dos sons é cousa em regra desconhecida.

A França, que possuía a supremacia no dominio da arte e do gosto, viu-se ameaçada de perder a sua antiga reputação por falta de educação esthetica do povo. O facto preoccupou os francezes, que trataram de prover de remedio, observando o que se passava nos outros paizes, organisando associações que resolvessem o problema, e trataram de crear nas suas escolas populares a educação dos olhos, do ouvido e do corpo.

Nós tambem pouco ou nada temos pensado n'isso. A França sentiu a falta e o perigo, nós ainda não sentimos nada.

••

Uma questão previa surge desde já. A educação popular esthetica deve incorporar-se no ensino primario? Nós, que não abandonamos ainda a idea de que a base d'esse ensino é saber ler, escrever e contar, não nos resignamos facilmente à idea de introduzir mais na escola popular a arte ou a educação esthetica. E todavia não ha razão para esse terror. Tudo depende da forma de dar a cultura artistica na escola. Não tem esta por fim crear pintores, nem architectos, nem escultores, mas dar à creança o amor do bello, prepara-la para sentir e conhecer a harmonia das côres e das linhas, para preferir o que é bello ao que o não é. Não se pode contar para isso com a lição do mestre, que não possui a educação artistica, mas com a lição das cousas, pondo sob os olhos da creança e do mestre fórmias e côres simples, harmoniosas, bellas.

É evidente que nada d'isso poderá assegurar-se sem que intervenha, como nos outros paizes, a iniciativa particular. O impulso deve partir das associações, dos homens intelligentes e de boa vontade.

Entre os povos antigos distinguia-se o helleno pelo seu elevado e delicado sentimento esthetico. O grego era um artista. E essa qualidade vinha-lhe da suggestão que tantas obras primas exerciam nelle.

Não pretendemos indicar os processos de se produzir essa suggestão na escola; isso pertence aos technicos, aos competentes. Apenas expomos um problema interessante, que tem preoccupado os povos cultos, e a que não podemos ficar indifferentes.

É, quando pela iniciativa particular o movimento estiver creado a favor da *Arte na escola*, o Estado intervirá certamente cooperando para a realisação d'esse pensamento.

No congresso que para estudar o assumpto se abriu em Paris, (1904), formularam-se as conclusões seguintes:

1.^a — A educação artistica da creança faz-se principalmente pela imagem.

2.^a — A escola deve ser ornada de imagens e desenhos, apropriados à idade e ao desenvolvimento intellectual da creança.

3.^a — A educação pela imagem tende desde o principio a desenvolver na creança a observação e o sentimento.

4.^a — O mestre não intervirá directamente para impôr à creança um determinado gosto, mas para crear nella a faculdade de observar, de comparar e de sentir.

Depois d'esse congresso tem sido extraordinaria a actividade desenvolvida na França para crear a *Arte na escola*. Sentiu-se que devia desaparecer a antiga separação entre o artista e o povo; que a *Arte* deve ser para todos porque é de todos; que a educação artistica desviaria as classes populares dos habitos que corrompem e aviltam.

Por que não se produzirá entre nós o mesmo movimento a favor da *Arte na escola*?

MARQUES MANO.

THEATROS

S. Carlos, *La Borghesina*. — *D. Maria*, *Empresa e artistas*. — *D. Amelia*, *Festas artisticas. Os postigos*. — *Trindade*, *A Serrana*. — *Gymnasio*, *A tia Annica. O pataco fulno*. — *Principe Real*, *Conferencias e peças*. — *Avenida*, *A nove*. — *Rua dos Condes*, *sempre o Cacharoleto*. — *Colyseu dos Recreios*, *Variedades*.

La Borghesina veiu felizmente abrir um parentese, sabem em que? na má lingua contra *S. Carlos*. Má porque nem todas as verdades se dizem e os maldizentes da época lyrica parece que capricham em dizer verdades como punhos.

Que necessidade havia de trazer à suppuração, não só através das columnas de alguns jornaes como através da bisbilhoteira indigena, aquillo que esses jornaes chamam um escandalo e que consiste no facto de ter, por meio de repetidas auctorisações, a empreza do thea-

tro lyrico levantado, contra expressa disposição da lei, o deposito de dinheiro que constituía a garantia dos assignantes?

Aqui está um azedume que nem chegamos a comprehender. Que interesse tem cada um em escangalhar a vida de cada qual! Se a empreza depositou o seu rico dinheirinho e agora precisa d'elle para equilibrar as suas finanças, e se o *bom filho à casa torna*, porque é que ha almas damnadas que se comprazem em lhe amargar o gosto de reaver o que é muito seu? Se o dinheiro é sangue, porque é que o de *S. Carlos* o não ha de ser! E que se importam afinal os assignantes em estar ou não garantidos! Vê-se que estamos em terra de injustiças e lamurias e em vez de premiarmos com louvores e hansas os serviços prestados por emprezas benemeritas à patria e aos tympanos, passamos o tempo a desvirtuar-lhes as intenções! Se sahimos do mundo financeiro e entramos na da apreciação e da critica, peor!

O que para ali se disse, santo Deus, do caso *Kruceniski* e da attitude da empreza lyrica perante aquella cantora! E porquê? Para afinal se reconhecer que ella não passava de uma especuladora, que deixara de cumprir o seu contracto, e que se recusava a cantar só com o fim de ludibriar o publico. E a prova é que com um medico, a lei e a policia na mão, a empreza levou a *burlista* a dar as mãos à palmatoria e a tornar publica a carta mais amavel, mais transigente, mais polida, que uma cantora assanhada pode dirigir a um empresario.

Cantam-se e põem-se operas em scena com a grandeza e o brilho com que foi perpetrada a *Hebréa*, e são de tão má bocca os jornaes, sem excluir os que se tem desentranhado em amabilidades com a empreza, que depois de passarem uma revista aos cantores a quem estava confiado o desempenho da opera de Halevy, chegam ao cumulo de ferocidade — que deixa a perder de vista a do Herodes — de virem dizer para o publico que aquillo constituiu um *espectaculo improprio do nosso theatro lyrico*, que foi um *naufragio completo* e que os espectadores, em vez de se incomodarem e impedirem que do primeiro acto em diante a desgraçada opera continuasse, preferiram rir-se a bandeiras despregadas do ridiculo spectaculo.

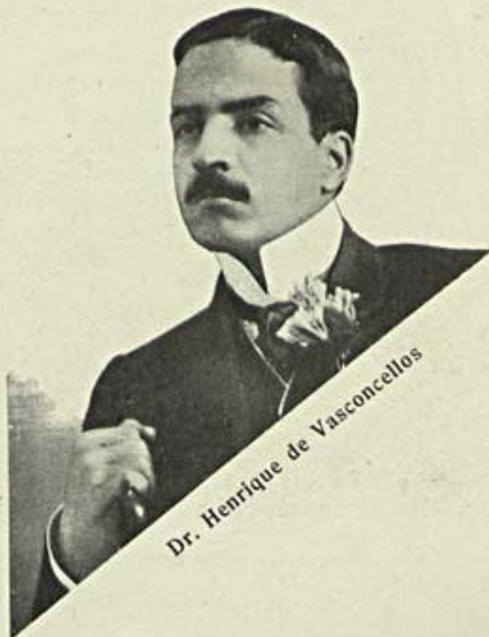
Francamente nunca subiu tão alto a maledicencia, a vontade de exautorar uma empreza que cumpre à risca o seu programma, que não falta a uma condição do contracto, que escriptura o que em artistas ha de melhor lá por fóra, que dá recitas em barda, populares e popularissimas, que põe em scena as operas melhores do repertorio, que não adia um unico spectaculo, e que se esalfa para mostrar ao publico que é a nata das emprezas!

É a gente melhor de Portugal e do Brasil que nos está lendo — porque nos presamos de contar entre os assignantes do *Brasil-Portugal* as figuras predominantes nas sociedades dos dois paizes — são certamente nossos muitos dos assignantes de *S. Carlos*, pois bem, é a todos esses que nós dedicamos esta rasgada e altisonante defeza que não diremos eloquente por ser de lavra propria, mas que é desinteressada porque a benemerita empreza nos não encomendou o sermão.

Nós somos assim: para amigos mãos rotas, e quando os amigos estão encravados, chegamos a deitar os bofes pela bocca fóra — como acabam de ver — para os desencravar.

Mas, reatando o fio do discurso, que se perdeu lá nas primeiras linhas, é-nos muito grato registrar aqui que felizmente *La Borghesina* de Augusto Machado chegou no momento propicio. Teve tréguas a má lingua e tanto o publico como a critica registando o successo alcançado pela execução da nova opera, elogiando os seus interpretes, e frisando as bellezas musicas do *spartito*, põem em justo relevo o trabalho do maestro portuguez, os progressos que elle revela, e o serviço valioso que acaba de prestar à arte lyrica nacional.

De *D. Maria* não temos nada a dizer. A ultima palavra disse-a o governo ao mandar fechar o theatro. Só lamentamos que essa palavra viesse tão tarde, pois não se comprehendia, com effeito, a vida



Dr. Henrique de Vasconcellos

torturada d'aquella empreza e d'aquella companhia. Aquillo não era empresario e artistas, aquillo era: o cão e o gato. Mas um gato e um cão cada vez mais assanhados. Cá de fóra havia ainda quem caprichasse em os aticar, e o espectáculo a que se estava assistindo, de ha uns mezes para cá, era deprimente para o theatro, e para a arte uma verdadeira lastima. Agora ao menos segue seu rumo cada uma das entidades: empreza e companhia, e, se outro merito não tivesse o despacho do ministro, já não era pequeno o de ter evitado por esta separação violenta que elles se espatifassem lá dentro uns aos outros.

Depois das novas peças de que já falámos e das varias *reprises* da época, não ha *novidades* em **D. Amelia**. Houve a festa de Chaby e a do auctor do *Chá das cinco horas*, o dr. Augusto de Castro, e apesar de serem representadas n'essas noites peças já conhecidas, encheu-se o theatro de ambas as vezes, e um publico escolhido consagrou na primeira noite o primoroso *diseur*, que se tornou em pouco tempo um actor completo, e, na segunda, o escriptor fino e espirituoso, que em duas obras de theatro firmara brilhantes qualidades de comediographo.

E' com verdadeira anciedade que aguardamos *Os postigos* de Schwalback.

Se o hom e talentoso Keil vivesse ainda estaria sentindo um prazer espirital que o compensaria de todos os desgostos que a Arte lhe deu. Veria realisado o seu ideal de muitos annos—a representação em portuguez da sua *Serrana*.

E a Alfonso Taveira teria o desditoso artista apertado commovidamente a mão leal ao agradecer-lhe o prazer maior talvez da sua vida—o de lhe pôr em scena, entregue a artistas de valor, com primores de scenographia e riquezas de guarda-roupa, a sua bem amada *Serrana*, aquella que o artista considerava a obra prima do seu espirito.

Alfredo Keil não vive já, mas em nome d'elle, um publico inteiro, ou antes o publico que todas as noites enche o theatro da **Trindade**, agradece reconhecido ao benemerito empresario não só o serviço prestado ao theatro portuguez com a representação da *Serrana* mas a continuação da tarefa honrosissima que elle se impoz de nacionalisar operas estrangeiras e de vulgarisar as portuguezas, pondo-as em scena com grandeza e brilho.

Continuam a fazer as delicias do **Gymnasio** *A tia Annica* e o *Pataco falso*, duas fabricas de gargalhadas, que desopilam todos os ligados, e tornam joviaes e alegres todos os macambuzios. A' graça espontanea, continua, por vezes trashbordante, dos auctores, junta-se a graça dos artistas, o relevo deveras humoristico que dão aos seus papeis o Valle, Cardoso, Jesuina Saraiva, Telmo, Alegrim, e todos os artistas, em summa, que entram n'essas deliciosas comedias. Anuncial-as basta para se encher a casa todas as noites.

No **Príncipe Real** as conferencias... pegaram. E com razão, não só pelo interesse que despertam, pelos nomes laureados dos conferentes, e pelos assumptos de que tratam, mas tambem por serem intercaladas da recitação de versos, ou de trechos declamados, por artistas como Lucinda, Maria Falcão, Brazão, Christiano e Ferreira da Silva.

Iniciou-as o sr. dr. José d'Arruela que discretoeu com brilho sobre a *geração litteraria actual*, seguiu-se o sr. dr. Henrique de Vasconcellos que ao *Culto da belleza* consagrou alguns trechos de formosissima prosa, e foi o terceiro na serie o sr. Paulo Osorio que escolhendo para assumpto *O amor e a morte no drama e no romance* revelou uma nova manifestação de talento.

A estes modernos e originaes *levers de rideau* seguem-se as representações das melhores peças do repertorio, constituindo espectaculos que ao mesmo tempo ilucidam e recreiam.

Seria injustiça regatear agradecimentos ao intelligente empresario do **Príncipe Real** o sr. Eduardo Victorino, que tão relevante serviço está prestando ao publico de Lisboa fornecendo-lhe estas *gourmandises* espirituosas e dispondo-o para estes encantadores *hors-d'oeuvres* litterarios para com mais prazer saborear a obra theatral ou de Garrett, ou de Strindberg, ou de Lopes de Mendonça, ou de qualquer emfim dos grandes escriptores, que alguns dos maiores artistas portuguezes se encarregaram de interpretar no velho theatro da rua da Palma.

No **Avenida** está fazendo carreira a revista de Sousa Bastos *A nove*. Coisa rara: não tem recheio pornographico esta peça que donzellas podem ir ver sem côar. Tem *charges* inoffensivas, ditos alegres, boa musica e uma riqueza de scenario e de guarda-roupa, a que não estamos muito habituados. No exito obtido tem grande parte Augusto Pina, que foi de uma extraordinaria felicidade na pintura das scenas principaes.

O *Cacharolete* prometeu aos seus deuses não desaparecer mais nem do cartaz, nem do palco da **Rua dos Condes**. E como ha de elle fugir se o publico lh'o não permite, o publico que duas vezes por noite põe o camaroteiro do popular theatro na situação de não ter mãos a medir?

Joaquim de Almeida fez seu o juramento do *Cacharolete*—ser eterno—e com essa amarra tão seguro elle se encontra, que só a Eternidade quando lhe chegar o ultimo momento poderá desobriga-lo do citado juramento.

E o **Colyseu**? Falar d'elle n'esta altura é fechar com chave de oiro. E' dizer de novo o que está dito e repetido, mas que nem por isso deixa de ser opportuno e justo. E' dizer que Antonio Santos tem a suprema sciencia de fazer espectaculos bons e baratos, e que não podem ser mais attrahentes e variados os que elle offerece todas as noites ao seu publico numeroso e... reconhecido.

Empresarios da Praça do Campo Pequeno



Albino José Baptista



Luiz Lacerda

A inauguração da magnífica praça de touros que Lisboa possui, actualisa, n'este momento, os conhecidos nomes dos seus empresarios. Tem procurado ambos elles, Albino Baptista como Luiz Lacerda, elevar em Portugal os credits da arte tauro-machica. A organização das corridas em que os dois interveem, a escolha dos artistas, os arrojados contractos com os primeiros «espadas» hespanhoes, que todos tem vindo com as suas quadrilhas animar o redondel e arrancar ovações ao publico, e, a tencia dos seus artistas invalidos, são outros tantos titulos á sympathia e ao reconhecimento publico pelos empresarios do Campo Pequeno.